

O Registro através do tempo

Autoras: Silva, Ana Carolina Martini Medeiros e Gonçalves, Lucinéia Candido

Resumo

O presente trabalho foi desenvolvido com a primeira e segunda etapa A do período da manhã da CEMEI Maria Alice Vaz de Macedo, situada na cidade de São Carlos. Este teve como objetivo analisar a história da escrita e os instrumentos utilizados durante sua evolução. Partimos do interesse dos alunos pela escrita, já que estão no início do processo de alfabetização e do questionamento de uma aluna sobre porque os deficientes visuais utilizavam pontinhos para ler (Braille). Questionamos sobre as diferentes formas de registro e sobre os materiais e instrumentos utilizados. Apresentamos alguns aspectos, já que eles desconheciam alguns materiais, linguagens e não tinham tido contato com certos conhecimentos. Desenvolvemos um trabalho pautado nas descobertas das crianças e utilizamos diversos instrumentos e atividades, especialmente lúdicos, como a contação de histórias, as músicas, as obras de arte, as rodas de conversa etc. Os alunos pesquisaram em livros e revistas e produziram seus próprios registros utilizando de desenhos em areia (feitos com os dedos e palitos de sorvete), argila (realizando os desenhos com palitos), tecido, “papiro” com adornos feitos com penas de pássaros. Por fim, encerramos com a brincadeira “A descoberta do alfabeto” e com o bingo de letras confeccionado pelos alunos. Os alunos acabaram o projeto percebendo que a escrita não são só as letras, mas que elas são parte importante para o desenvolvimento da sociedade e que podemos utilizar diversos meios e instrumentos para realizarmos registros.

Introdução

Este trabalho foi realizado com a primeira e segunda etapa A, na faixa etária dos 4 aos 6 anos de idade, do período da manhã da CEMEI Maria Alice Vaz de Macedo, situada na cidade de São Carlos.

Iniciamos o trabalho com a escrita (alfabetização) desde o início do ano e o interesse dos alunos, por praticamente tudo que se relaciona com este tem crescido. Porém, após as crianças ouvirem a história que uma aluna trouxe para o grupo sobre a escrita em placa, referindo-se ao “sistema Braille”, despertou-se o interesse da turma sobre os diferentes materiais que poderíamos utilizar para realizar registro e com o que o mesmo poderia ser feito.

Foi e está sendo um trabalho muito interessante e gratificante, pois estamos aprendendo junto com nossos alunos, observando suas descobertas, mas tivemos diversas dificuldades de como tornar o projeto mais interessante e claro para as crianças. Para tanto, tivemos que adequar nossa linguagem e precisamos estudar novamente o livro de Emília Ferreiro “Reflexões sobre alfabetização” para que nos auxiliasse no planejamento e nas reflexões sobre o projeto. No entanto, fomos vencendo as dificuldades para que a realização deste fosse possível.

Acreditamos que este trabalho seja importante para o processo ensino-aprendizagem dos nossos alunos, pois torna este processo mais prazeroso e os auxiliam na percepção de que aprender a escrita não é só aprender como a língua é formada, mas que temos várias maneiras de nos expressarmos e de construir a escrita.

Esperamos também que os auxiliem no desenvolvimento das habilidades e competências requeridas no processo de alfabetização, pois no processo de aprendizagem um dos primeiros passos do aluno é aprender a aprender, já que assim ele estará exercitando a atenção, a memória e o pensamento, que são pré-requisitos para a aprendizagem. O aluno, ao aprender tem que ter a oportunidade de pôr em prática seus conhecimentos, pois as aprendizagens devem evoluir e não serem apenas simples recepção de conhecimentos.

A aprendizagem deve ser significativa para o aluno, para que ele possa estabelecer relações entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente

construídos por eles. O que o aluno pode aprender em determinado momento da escolaridade depende das possibilidades delineadas pelas formas de pensamento de que dispõe naquela fase de desenvolvimento, dos conhecimentos que já construiu anteriormente e do ensino que recebe.

Se a aprendizagem for uma experiência de sucesso, o aluno constrói uma representação de si mesmo como alguém capaz. Se, ao contrário, for uma experiência de fracasso, o ato de aprender tenderá a se transformar em ameaça e a ousadia necessária se transformará em medo, para o qual a defesa possível é a manifestação de desinteresse.

Conhecer o processo histórico da evolução da escrita é muito importante para alunos e professores, pois assim conseguiremos construir um panorama da importância da escrita na evolução da espécie humana e na escrita como representação da linguagem e não somente como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras, como postula Emília Ferreiro em seu livro “Reflexões sobre alfabetização”. (FERREIRO: 2001: 10)

Portanto, pensamos este projeto para que o aluno, neste início do processo de alfabetização, sinta-se seguro e motivado para aprender e, que também consiga mais facilmente assimilar os conhecimentos necessários para que se alfabetize.

Objetivos

- Analisar a história da escrita e os instrumentos utilizados durante sua evolução, diagnosticando como era antigamente, quais materiais eram usados para registrar e como se dá hoje, mostrando as diversas possibilidades para os alunos.
- Descobrir a importância e o significado da escrita
- Interpretar diferentes formas de linguagem

Desenvolvimento

O trabalho iniciou com o comentário de uma aluna que descreveu o sistema Braille:

–“ Tia, você sabia que tem pontinhos que são letras pra quem não enxerga?”

–“Eu não vejo letras, mas o meu avô que passa a mão, enxerga. E ele vê as letras, é letra de pontinho pra quem não enxerga”.

–“Eu passo a mão e não sinto nada!”

A partir deste comentário trouxemos para a roda o tema e os questionamentos, tais como:

–“Eu vi no desenho na minha televisão, que tem pessoa que escreve pontinho e risquinhos para contar, mas não são números, é porque eles não sabem escrever.”

–“Na “Era do Gelo I”, o mamute viu o desenho na caverna, da família dele, que os homens mataram e ele ficou sozinho.”

Após conversarmos sobre essas curiosidades, levamos para as turmas os questionamentos:

Professoras: - O que sabemos sobre os homens das cavernas?

–“Eles escreviam desenhos com o negócio de fogo.”

Professoras: - Que negócio de fogo?- *Carvão do churrasco.*

Professoras:- Onde eles escreviam esses desenhos?

- *“Na caverna, na pedra, na toca, no chão.”*

Professoras:- Porque será que eles desenhavam?

- *“Para contar o que faziam as pessoas, animais, é igual nos desenhos que passam quando eu chego da escola, em que as pessoas que não sabem escrever, fazem risquinhos pra contar.”*

Professoras: Será que podemos ler esses desenhos?

–“Mas o desenho não é o alfabeto!”

Professoras: -“O que vocês sabem sobre a escrita?”

–“É o alfabeto... A, B, C...”

-“O alfabeto são letra.”

-“ As letras servem para ler.”

-“Tem bolinhas que quem não enxerga fala que é letra”.

-“Tem gente que escreve com o dedo”. (se referindo a LIBRAS; que despertou a curiosidade durante um programa que assistia em sua casa).

-“Que as pessoas que moravam na caverna escrevia desenhos e risquinhos, não sabia escreve letra e nem no papel com lápis.”

Após conversarmos como as crianças percebiam os registros, fizemos um quadro para saber o que queriam saber:

Se o desenho é o que está escrito? Com o que as pessoas escreviam?

Onde escreviam? As pessoas não tinham lápis e papel?

Tem bolinha que é letra pra quem não enxerga?

Tem gente que escreve com o dedo? .

Questionamos sobre quais materiais poderíamos utilizar para nossos registros e que esses permanecessem gravados por bastante tempo, sem utilizar lápis e papel. E houveram as seguintes sugestões: pedra, carvão, giz, tinta, dedo.

E o material onde seria registrado: chão, areia, terra, barro, *pano*, folha de árvore, casca de árvore, parede.

O que iríamos registrar: eu, minha casa, meu bichinho, meu brinquedo, eu brincando, minha família, meus amigos.

Providenciamos vários recortes de revistas e livros, artigos que se referiam à escrita (egípcia, grega, chinesa, indígena (amazônica), livros em Braille, reproduções das obras do pintor Cândido Portinari e colocamos na caixa de pesquisa com a finalidade de que realizassem mais descobertas sobre o tema (nessa caixa se encontram vários livros e revistas, nos quais as crianças procuram utilizá-la sempre que possível).

Providenciamos argila com a finalidade de proporcionar as crianças à prática, a verificação se realmente ficariam gravado os registros e se seria possível esses registros sem papel.

Foi maravilhosa a atividade, pois cada aluno moldou um objeto para levar para casa e uma placa para deixar na escola, contendo o registro de uma casa, galinha, uma menina (Figura 1). Constataram após alguns dias que o desenho fixou na argila.

“As pessoas escreviam no barro, porque ficou marcado!”



Figura 1- desenhos e esculturas na argila.

O experimento seguinte seria o dos registros no pano.

Professoras: - Será que no pano também é possível realizar registros?

-“A gente pode usar tinta igual no meu lençol, a minha mãe lava e não sai.”

Providenciamos pano, palito e tinta para que realizassem o experimento.

Todos se dedicaram ao máximo. Verificaram que no tecido também foi possível realizar registros e que esses não saíram.

Verificamos que faltava constatar o experimento no chão, areia e terra. Para isso, questionamos com o que poderíamos fazê-los.

- *“A gente vai usar o giz das tias.”*

Puderam perceber que por alguns dias o desenho permaneceu, mas:

- *“Tia a chuva molhou tudo lá fora e apagou os desenhos nossos!”-“Tia eu acho que no chão as pessoas não desenhavam.”*

- *“Mas é porque a gente desenhou com o giz.”-“A tinta não sai”.*

Não foi possível utilizarmos a tinta nas paredes da escola e nem no chão.

Para que ocorresse o fechamento do questionamento, mostramos a revista Ciência Hoje, reportagem “Amazônia: lar, doce, lar”, que trazia ilustrações de peças em cerâmica indígenas, e deste modo, eles puderam perceber o uso de tinta nas gravuras e pinturas e, que a mesma servia de registro que permaneceram gravados até os dias atuais.

O material seguinte utilizado para verificação seria o carvão. Providenciamos o material, mas antes apresentamos para as crianças informações sobre o pintor Portinari e suas obras (fase infância), retiradas do site: www.portinari.org.br, e questionamos quanto às suas formas de registro.

- *“O que vocês estão vendo?”*

- *“Desenho de pipa, jogo de futebol, brincando de capoeira”.*

- *“Quadro com tinta.”*

- *“Será que observando os desenhos, dá pra saber e ler o que o pintor quis registrar?”*

- *“Ele viu o jogo de futebol.”*

- *“Ele tá brincando.”*

- *“Porque será que ele desenhou e pintou essas brincadeiras?”*

- *“É o que ele fazia.”-“É o que ele viu”.*

- *“Dá para ler usando desenhos sem letras?”*

- *“Tem desenho que dá.”*

Apresentamos a obra “Menino com Pião” e pedimos para que observassem com qual material nós poderíamos desenhar parecido com o que estavam vendo (grafite).

- *“Carvão dá, a gente risca e fica preto”* (observou a obra preta e branca).

Providenciamos carvão para que todos registrassem a brincadeira que mais gostassem. Realizaram a exposição das produções para o grupo e fizeram a verificação se realmente daria para ler e interpretar a brincadeira que os amigos mais gostavam.

Foi muito divertido, a turma se empenhou muito para que realmente o registro da brincadeira preferida ficasse perfeito. E eles puderam perceber que dava para desenhar com o carvão, mas que:

- *“Não é igual do barro e pano, dá pra apagar igual os desenhos do chão com o giz.”* *“Tem desenho que a gente sabe o que é, tem desenho que não dá”.* (a criança se referiu ao desenho de um aluno que registrou a brincadeira preferida sendo o videogame e muitos disseram computador, pois acharam que parecia as duas coisas).

Após essa fala, percebemos que as crianças começaram a perceber a importância da escrita, ou seja, a sua invenção. Achamos oportuno para o enriquecimento do projeto, apresentarmos alguns hieróglifos e a pictografia na próxima roda de conversa.

Realizado os experimentos dos materiais que poderíamos utilizar, levantamos o questionamento retomando a questão: será que dá para saber através dos desenhos tudo o que a pessoa quis dizer?

Exploramos o material de pesquisa na roda de conversa, onde pegamos duas figuras retiradas da Revista Pesquisa Fapesp, na matéria “Pré-história ilustrada” e constatamos que houve várias interpretações para a mesma cena:

Figura 1:

“-As pessoas desenhavam as pessoas que passavam na caverna e eles gostavam muito de boi e o boi saia correndo atrás dele.”

-“As pessoas gostavam de criar animais”.

-“Eu vi o boi, que o homem desenhava pra comer”.

“-Tem vários bois que viveram aqui aí as pessoas viveram nessa caverna dos bois, por isso desenhava quem morou antes.”

Figura 2:

- “O que vocês estão vendo?”

-“Caranguejo, dois meninos brincando, um elefante e um monte de risquinhos.”

Professoras: o que são esses risquinhos?

-“Pode ser o número de pessoas que mora aí”.

-“Os bichos que eles comem.”

Percebemos que esse foi o melhor momento de apresentar para turma hieróglifos e pictografia e fomos discutindo as diferenças e a necessidade da invenção dos símbolos, pois perceberam que:

“-Só com os desenhos não dava pra saber o que está escrito, mas tem desenho que dá.”

Intervimos apresentando para a turma um desenho de uma mão e fomos discutindo várias interpretações.

-Se eu desenhar uma mão o que pode ser, para que serve a mão?

-“Pra comer, pegar, dar a mão”.

Professora: - Se eu desenhasse só uma mão vocês saberiam o que quer dizer?

-“Não, só esse desenho não dá.”

- “Pode ser mão.”

Intervimos mais uma vez e apresentamos para os alunos o desenho de água, colocando para a turma que alguns desenhos tinham o mesmo significado, ex: quando queriam dizer que estava chovendo, o que mudava era de um lugar para outro.

- É igual o inglês só quem mora lá entende, e da china, a gente não entende, é diferente.

Achamos riquíssimo esse comentário.

Colocamos a observação para o grupo que todos podem entender, só que tem que estudar essas línguas.

Apresentamos alguns desenhos (sapo, mão, boca, olho, peixe, pé) e fomos interpretando o que poderia ser. Brincamos com os símbolos para que pudessem perceber que cada um fala o que está vendo, criamos uma frase com esses símbolos:

-“Eu vi um peixe, corri, pulei, peguei e comi”.

Após essa brincadeira com os símbolos uma criança perguntou:

-“Tia não teve que fazer letra pra saber?”

A criança estava dialogando com outra aluna sobre a dificuldade de saber através do desenho o que estava acontecendo.

Nessa oportunidade também apresentamos a profissão (arqueólogos e historiadores). Encerramos contando a história “Marcelo, marmelo, martelo” de Ruth Rocha, já que neste livro o menino inventa novos nomes para os objetos e achamos que seria um fechamento bem interessante.

Nos encontros de roda, retomávamos o que aprendemos e o que ainda faltava. Apresentamos para as crianças na roda de história (mitologia grega, egípcias, indígenas), e após chamamos a atenção para as pirâmides. Observaram que nas pirâmides também haviam desenhos de pessoas e uns risquinhos, desenhos bolinhas.

Professoras: o que será que desenhavam?

-“As coisas que os que moravam lá gostavam.”

Intervimos e explicamos o que eram as pirâmides, realizamos um paralelo entre cemitério e pirâmide.

Professora: - Onde são enterradas as pessoas quando morrem?

-“No cemitério.”

-“Quem já viu o que colocam por cima do lugar onde enterraram? (além da terra que foi a resposta de alguns),responderam:

-“ *Uma pedra, escrita*”.

-*O que vocês acham que está escrito?*

-“*O nome, uma cruzinha e os números quando morre.*”

Explicamos o que são os números, o que eram as pirâmides e os faraós. As crianças adoraram e quiseram uma pirâmide. Construímos uma grande em grupo e uma para cada um (Figura 2). Durante a confecção, perceberam que era feita com vários triângulos. Eles utilizaram canetinhas para realizar os registros ao modo deles e de suas vidas.



(foto 2-registro nas pirâmides)

Surpreendemo-nos com o resultado. Todos levaram para casa e entenderam o significado, pois desenharam acontecimentos como, por exemplo: a família, o carro, o jogo de futebol com o primo, as brincadeiras que gostavam. O que mais chamou nossa atenção foi o fato de alguns girarem a pirâmide, fazendo em cada face um momento.

Retomamos na roda o que descobrimos sobre os registros e realizamos as comparações dos materiais que usamos e quais eles conheciam hoje.

-“Tia não tem pirâmide pra gente lê aqui”.

-“Os livros da caixa não é de barro, é de papel.”

Dando continuidade, partimos para a produção do pergaminho. Falamos um pouco sobre o papiro (planta) que era utilizado para fazer pergaminhos e claro que todos quiseram um.

-“ *Tia porque a gente não pinta o papel com o giz,tinta e escreve?*”

Sugerimos tingir o papel com o chá mate, pois retomamos o fato de os nativos e algumas pessoas, utilizarem tinta de plantas para tingir, como o urucum.

Fervemos a erva, coamos e utilizamos espuma para tingir as folhas. Contamos a história dos escribas, todos tingiram as folhas (pergaminho). Realizamos os registros utilizando tinta e pena, pois mencionamos como curiosidade que a pena também foi um instrumento utilizado para registros antes do lápis e caneta, porém combinamos de não arrancarmos nenhuma pena dos bichinhos de casa (galinha) e dos passarinhos, comparamos as penas com os nossos cabelos, que se puxar dói e no bichinho também. Nós fomos as escribas dos registros das crianças. Após exposição, todos levaram para casa.

Durante nossas conversas, observamos que ainda faltava a verificação e experimentação sobre o argumento da fala sobre o sistema Braille e sobre LIBRAS. Então, trouxemos o livro “Dorina viu”, que é escrito em texto convencional e ao mesmo tempo em Braille, e contamos a história. Conversamos sobre os códigos e desenvolvemos uma brincadeira para perceberem no tato o que estava registrado e

para isso escolhemos as formas geométricas. Nesta, as crianças de olhos vendados percebiam os pontinhos e depois tentavam descobrir do que se tratava.

Feito isso, trabalhamos a música “O Caderno”, e a professora Ana Carolina (etapa I) a interpretou para as crianças através de LIBRAS, pois essa era uma das questões sobre a escrita, ou seja, “escrever com o dedo”. Como percebemos na fala de uma das crianças:

-“Na minha igreja eu aprendo escrever com o dedo e com a mão, as letras e nome de coisas”. (a criança ensinou para o grupo as palavras: menina, vermelho, homem e mulher)

As crianças participaram muito e ficaram atentos a cada movimento que a professora realizava, tentando acompanhar.

No final concluímos com a brincadeira “A descoberta do alfabeto”.

Confeccionamos cartelas contendo as letras do alfabeto, colocamos em envelopes, onde cada um registrou o nome e colocaram dentro da pirâmide gigante (usaram esse nome para a pirâmide de papelão que construímos). Nós, professoras, escondemos a pirâmide e para encontrá-la deveriam decifrar através de figuras (símbolos) as pistas. Escrevemos no pergaminho todo o caminho que deveríamos percorrer para chegar até a pirâmide, onde iriam encontrar o envelope com o seu nome registrado contendo um jogo com as letras do alfabeto, que eles confeccionaram.

No decorrer do projeto, durante as rodas de conversa, íamos introduzindo também algumas histórias para que conseguíssemos contextualizar ainda mais o processo histórico de aquisição da escrita, retiramos estas histórias da coleção “Nana nenê: uma história para cada dia”, contamos por exemplo, a história do Cavalo de Tróia, da Torre de Babel, entre outras.

Resultados

Podemos perceber que as crianças estavam muito entusiasmadas com as novas descobertas e verificações. Percebemos também como se interessaram pela escrita, pois a cada encontro das turmas para darmos continuidade ao projeto, experimentavam e exploravam vários tipos de materiais para registro e faziam novas descobertas, o que trazia muito entusiasmo para nós e para os alunos.

Conclusão

No texto coletivo que segue abaixo, relatamos várias falas das crianças que trazem suas descobertas e constatações, fatos que nos entusiasmam a continuar nos empenhando e nos dedicando a nossa profissão.

Texto coletivo:

- “A gente aprendeu que o homem da caverna desenhava na parede, na pedra, o que eles caçavam.”

-“Tinha pessoas que fazia desenho nas árvores, no barro, no pano, porque não tinha papel”.

-“Teve que fazer letra pra gente lê, as coisas que tá escrito igual, quando faz o nome com letras.”

-“As letras forma uma fala, uma palavra, uma música.”

-“As letras tem que se igual pra saber o que é “arroz, feijão, açúcar, sal”.

-“Se não tivesse o nome diferente das coisas a gente ia comer errado (igual açúcar e sal)”

-“Teve que fazer as letras para escrever, aí todo mundo sabe o que esta escrito.”

-“Tem as letras diferentes em outro lugar do Brasil”.

-“As bolinhas na placa são para quem não enxerga e sente na mão o que tá escrito.”

-“A gente pode escrever com o dedo e mão pra gente que não escuta.”

Referências Bibliográficas

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

Bibliografia

COTES, Claudia. **Dorina viu**. São Paulo: Paulinas, 2006.

NEVES, Eduardo Góes. Amazônia: lar, doce, lar. **Revista Ciência Hoje**. São Paulo, ano 21, n. 187, p. 2-5. 2008.

PORTINARI, Cândido. Obras fase infância. In: <www.portinari.org.br>

PIVETTA, Marcos. Pré-história ilustrada. **Revista Pesquisa Fapesp**. São Paulo, n.105, p. 80-85, 2004.

ROBATTO, Sonia. **Nana nenê: uma história para cada dia**. São Paulo: Globo Cochrane, 1993.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. 12. ed. Rio de Janeiro: SALAMANDRA, 1976. 60 p.